

## **Retratos da Fotografia no Número Zero da Revista *Realidade*<sup>1</sup>**

**Paulo César BONI<sup>2</sup>**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)<sup>3</sup>

### **Resumo**

Este estudo tem por objetivo radiografar o uso da fotografia no número zero da revista *Realidade*, impresso de forma experimental e com caráter de sondagem de recepção em novembro de 1965. Depois do início de sua circulação regular, em abril de 1966, a *Realidade* se tornaria uma importante referência de jornalismo investigativo e de fotojornalismo como linguagem de comunicação. O Departamento de Comunicação da UEL recebeu em doação os primeiros 40 exemplares da revista, inclusive o número zero, objeto deste estudo, que pretende dissecar o uso da fotografia em todas as seções para apurar se, mesmo antes do lançamento, a revista apostava na fotografia como diferencial de comunicação. Em razão de se caracterizar como um processo de observação e de percepções, este estudo não utiliza referências bibliográficas, mas estas serão largamente utilizadas em estudos posteriores.

### **Palavras-chave**

Revista *Realidade*; Fotografia; Fotojornalismo.

### **O número zero da revista *Realidade***

A capa da *Realidade* número zero (Figura 1), datada de novembro de 1965, traz um protótipo da revista que iria para as bancas alguns meses depois (a número 1 circularia em abril de 1966) e, aparentemente, utiliza a imagem como fator de impacto. Ela traz três motivações imagéticas: a fotografia de um planador, operado por controle remoto, em formato horizontal, na metade superior, e duas fotografias no formato vertical, na metade inferior da página. A fotografia da esquerda mostra a mão de uma pessoa alfabetizada, provavelmente uma professora, segurando a mão de uma pessoa não alfabetizada, auxiliando-a a escrever as primeiras letras do alfabeto. A da direita é uma imagem científica, mostrando um feto no útero da mãe. Entre as três fotografias, reunidas em um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor e pós-doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor e pesquisador da Universidade Estadual de Londrina (UEL) desde 1982.

<sup>3</sup> O Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) recebeu, como doação, os exemplares do número zero ao número 40 da revista *Realidade*. Nomeado "Realidades da *Realidade*", um grupo formado por professores do departamento está pesquisando o jornalismo (e seus diversos gêneros jornalísticos e formas de discurso), o fotojornalismo, a programação visual e a publicidade dos três primeiros anos de circulação da revista. Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa deste autor, participante do grupo.

único bloco, a revista traz três pequenas manchetes, todas remissivas aos apelos imagéticos: *Homens voam sem motor / Um Brasil mal-educado / A vida antes de nascer*.

Figura 1 – Capa da revista *Realidade* número zero (novembro de 1965)



Com fotografias dominando 89,36% do espaço jornalístico de capa (descontando, claro, o espaço da logomarca e as informações de circulação, como a editora, o número e o mês de circulação), a revista deixava claro que utilizaria a comunicação imagética, especialmente na fotografia, como estratégia para atrair leitores. Mas essa aposta na fotografia como eficaz ferramenta de comunicação, ao que tudo indica, era inconsciente, resultado da convergência de uma série de fatores e tendências que indiciavam a necessidade de um novo veículo de comunicação que acompanhasse, apoiasse ou criticasse os novos caminhos que estavam se delineando na condução do país pelos militares que haviam tomado o poder um ano e meio antes, em abril de 1964. O contexto de convergência fica claro nas palavras do editor e diretor Victor Civita, na seção *Carta do Editor*, à página 3:

Temos o prazer de apresentar o número zero de **Realidade**, novo lançamento da Editora Abril. [...] O Brasil vai crescendo em tôdas as direções. Voltado para o trabalho e confiante no futuro, prepara-se para olhar de frente os seus muitos problemas a fim de analisá-los e procurar solucioná-los. E é por isso que agora surge **Realidade**. Será a revista dos homens e das mulheres inteligentes que desejam saber mais a respeito de tudo. Pretendemos informar, divertir, estimular e servir nossos leitores. Com seriedade, honestidade e entusiasmo. Queremos comunicar a nossa fé inabalável no Brasil e no seu povo, na liberdade de sêr (*sic*) humano, no impulso renovador que hoje varre o país, e nas realizações da livre iniciativa. Assim, é com humildade, confiança e prazer que dedicamos **Realidade** a centenas de milhares de brasileiros lúcidos, interessados em conhecer melhor o presente para viver melhor o futuro.

No expediente, a revista nomina Victor Civita como editor e diretor, Hernâni Donato como diretor de redação, Paulo Patarra como chefe de redação, Murilo Felisberto como

editor geral, e Attílio Baschera e George Duque Estrada como diretores de arte. A fotografia fica reduzida a um único nome, o do fotógrafo baiano Walter Firmo. Tanto para o jornalismo como para o fotojornalismo de coberturas internacionais, a revista havia firmado parcerias com a *Paris-Match*, *Epoca*, *Saturday Evening Post*, *Oggi* e *L'Europeo*.

O sumário nomina seções que privilegiam diversos segmentos da sociedade – e da realidade – brasileira em 1965, como arte, futebol, ciência, economia, internacional e outros, exceto política, pois o momento exigia cautela. Uma análise mais detalhada das seções permite deduzir que a revista, como seu editor e diretor havia dito na *Carta do Editor*, de fato espelharia as realizações econômicas e científicas da livre iniciativa e anteveria o futuro. Isso fica muito claro nas seções *Ciência*, que traz um documentário fotográfico do desenvolvimento do embrião humano, resultado de sete anos de trabalho do fotógrafo sueco Lennart Nilsson, e *Progresso*, na qual se anuncia que, no ano 2000, seria possível entrar em uma loja qualquer e pedir TV de pulso ou óculos fotográficos. Outras seções interessantes elencadas no sumário são *Gente*, que anuncia o perfil de pessoas influentes na sociedade (neste protótipo, o perfilado foi o então presidente da República, Humberto de Alencar Castelo Branco); *Problema*, que retrata “um país mal-educado”, com 30 milhões de analfabetos (vale recuperar que a população brasileira de 1965 era de 84 milhões de habitantes, ou seja, pouco mais de 35% da população era analfabeta); *Vida Nacional*, que trata da mudança de regime político e de quatro mineiros influentes no cenário nacional: Francisco Campos, Afonso Arinos, Milton Campos e Gustavo Capanema, batizados como os quatro “mineiros do apocalipse”; e *Mulher*, seção que antevia o empoderamento da mulher na sociedade. Neste número, a retratada em sete páginas é a atriz Úrsula Andress, “uma mulher que age como um animal livre e dorme nos sonhos dos homens”. Hoje, provavelmente, a afirmação “dorme nos sonhos dos homens” renderia alguma polêmica, com acusações de machismo, mas, em 1965, caiu como uma luva no imaginário coletivo masculino.

### **Seção Internacional**

Nas páginas 16 a 24, a revista traz sua primeira reportagem relevante, nomeada no sumário como seção *Internacional*. O tema são as guerras. Naquele momento, informa a revista, existiam conflitos bélicos em 14 pontos do planeta: Vietnã, República Dominicana, Caxemira, Indonésia, Península do Sinai (entre Egito e Israel), Formosa, Venezuela, Colômbia, Peru, Congo, Chipre, Berlim, Cuba e a fronteira entre a Índia e a China. A abertura da matéria sentencia: “A verdade é que o mundo continua em guerra”.

---

Das nove páginas dedicadas à reportagem, duas são inteiramente de publicidade, o que reduz o espaço jornalístico para sete páginas.

Cinco fotografias e a reprodução de parte do mapa-múndi, assinalando os locais dos conflitos, ilustram a reportagem. Todas as fotografias estão sem crédito, mas é provável que tenham sido compradas de agências internacionais. A fotografia que abre a reportagem mostra soldados comunistas alemães desfilando em um evento comemorativo ao 20º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A programação visual (diagramação) “abriu” essa fotografia. Ela ocupa 80% da superfície das duas páginas (um falso espelho nas páginas 16 e 17) que abrem a reportagem. Considerando o total do espaço jornalístico dedicado à seção (sete páginas), essa fotografia ocupa 22,86% de todo o espaço dedicado à reportagem, ou seja, apesar de representar mais a disciplina e a hierarquia militar que conflitos bélicos, ela foi supervalorizada ou pela direção de arte, ou pela edição de imagens, ou pelo editor geral, ou de forma consensual entre os três.

Na página 18, três fotografias no formato vertical (o texto está dividido em três colunas, o que facilitou a programação visual de uma fotografia em cada coluna), todas em preto e branco, mostram situações de conflito em três dos 14 pontos citados pela revista. A primeira mostra um jipe conduzindo rebeldes e traz a seguinte legenda: “Caxemira: hindus reconhecem o terreno”. A segunda mostra um combatente de costas, com uniforme militar, atravessando um rio, com água até a cintura, segurando uma metralhadora acima da cabeça. A legenda é mais evasiva que indicial: “Guerrilheiro da Indonésia na Malásia”. A terceira fotografia mostra duas pessoas, vestidas como civis, mas portando armas. Elas parecem estar agachadas, em um local acima do nível do chão, olhando cautelosamente para baixo por cima de um parapeito, que também lhes serve como segurança. Apesar da falta de indícios, a legenda deixa implícito tratar-se da República Dominicana: “Rebeldes dominicanos prontos para lutar”. Metade da página 19 é ocupada pela reprodução de parte do mapa-múndi que assinala os 14 pontos de conflito em andamento no ano de 1965.

Provavelmente, a fotografia que melhor retrata conflito é a publicada na página 20 (Figura 2). Trata-se de um homem negro, maltrapilho, com ares de acuado e apavorado, que, ao que tudo indica, é um chefe de família defendendo sua casa e sua prole. A arma de cano longo que ele aponta para algum alvo parece obsoleta, mas talvez seja a única ferramenta de que ele dispõe para a defesa de seus filhos, um dos quais, uma criança chorando, o agarra pelas pernas. A legenda diz tratar-se de conflitos étnicos em

um país africano: “Congo: primeiro foi a guerra entre negros e brancos; agora, o choque entre grupos locais”.

Figura 2 – Homem armado defendendo a prole (página 20)



Considerando o teor da reportagem, esta talvez seja a imagem mais significativa de conflitos, pois é a única que mostra alguém empunhando uma arma, prestes a atirar. A feição de tensão do homem que empunha a arma e o rosto de medo e desespero da criança que o segura pelas pernas são indícios fortíssimos de uma situação tensa, cujo desfecho será imediato.

Uma circunstância valorativa da imagem assumida pela revista é o fato de ela abrir e encerrar a reportagem com fotografias, ambas muito valorizadas pela programação visual. A fotografia que encerra a reportagem, publicada na página 24, mostra soldados desembarcando de um navio em uma praia desconhecida. A imagem lembra muito as fotografias tomadas por Robert Capa, em 6 de abril de 1944 (conhecido como o Dia D), durante o desembarque das tropas aliadas na praia de Omaha, na região da Normandia, na França. A própria revista reconhece a similaridade da fotografia, mesmo tratando-se de um desembarque em um local diferente, e refere-se à coincidência na legenda: “Fuzileiros americanos invadem uma praia. Parece cena da segunda grande guerra, mas é um desembarque no Vietnã do Sul”.

### **Seção *Gente***

A proposta da seção *Gente* era, a cada mês, trazer o perfil de uma pessoa pública, “alguém famoso”. Não chegava a ser uma inovação na imprensa brasileira, mas merece atenção pela importância das pessoas que a revista abordou em seus primeiros anos de publicação. Para o número zero, com o título “Êste é o Humberto”, traçou o perfil do então presidente da República, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (nos primeiros números da

circulação regular a revista traria os perfis de Roberto Campos, Jânio Quadros, João Goulart, Dom Hélder Câmara e outros). No número experimental, não havia, nesta seção, créditos para os autores do texto e das fotografias.

Sete fotografias ilustram as seis páginas de texto. São todas no estilo “retrato”, com plano fechado no rosto do presidente, tentando registrar suas expressões faciais, como a revista *Playboy* faria anos mais tarde – e ganharia fama por isso – nas fotografias que ilustravam a seção *Entrevista*. Em cinco das sete fotografias, o marechal aparece sorrindo (em uma parece estar gargalhando), em uma está reflexivo, com a mão esquerda sobre a boca, e na última, a que fecha o texto, aparece sério, compenetrado, com o dedo indicador da mão direita em riste, na frente do rosto, como se estivesse conversando com alguém e transmitindo uma ordem.

A tentativa da revista – textualmente assumida nas páginas nesta seção – era retratar o primeiro militar na presidência da República como uma pessoa civil, de hábitos simples, de postura econômica austera, apaixonado por música clássica, literatura, teatro, e as fotografias foram produzidas e utilizadas com esta intencionalidade.

### **Seção Futebol**

Ao elaborar o número zero, a equipe de profissionais da revista já convivia com a realidade de o Brasil ser o país do futebol. O Brasil era bicampeão mundial de futebol (1958 e 1962) e todos tinham a certeza do tricampeonato já no ano seguinte (em 1966, na Inglaterra), pois o Brasil tinha um time estelar (Gilmar, Djalma Santos, Bellini, Brito, Gérson, Zito, Tostão, Mané Garrincha, Jairzinho ente outros) e sua estrela maior, Pelé, o “rei” do futebol, em um excelente momento da carreira, brilhava com grande intensidade.

Porém, na contramão da glória e do *glamour* de belas jogadas, belos gols e vitórias, a revista preparou uma reportagem de oito páginas, ilustrada por sete fotografias, falando sobre os goleiros, que ocupam a posição mais “amaldiçoada” do futebol. A manchete dá a dimensão exata do que o texto iria tratar, pois reproduz uma fala do humorista Don Rossé Cavaca<sup>4</sup> sobre a profissão de goleiro: “Desgraçado é o goleiro: até onde ele pisa não nasce grama”.

A reportagem conta a história de goleiros anônimos e famosos que carregaram o estigma de serem culpados ou responsabilizados por algum resultado adverso,

---

<sup>4</sup> Don Rossé Cavaca era pseudônimo de José Martins de Araújo Júnior (27.03.1924 – 24.12.1965), jornalista, radialista, publicitário e humorista brasileiro. Em 1965, pouco antes de morrer, gravou programas de curta duração intitulados “Câmera indiscreta do Cavaca”, sendo considerado o precursor das pegadinhas na televisão brasileira.

especialmente a do goleiro Barbosa, da seleção brasileira de 1950, que perdeu o título da Copa do Mundo de Futebol de 1950, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, com um gol que, para alguns, foi um “frango”. A reportagem relata que diversos goleiros se envolveram em acaloradas discussões – e até brigas – por haverem tomado um frango; que alguns entraram em depressão e chegaram a abandonar o futebol; que outros jamais superaram o episódio do frango e que um chegou a se suicidar.

Figura 3 – Fotografia, em página falso espelho, que abre a reportagem sobre os goleiros



As sete fotografias que ilustram a reportagem (todas sem crédito, assim como o texto) mostram goleiros em situação de jogo, ou dando depoimentos ou arrasados após terem tomado um gol. Apesar de pouco referencial em relação ao futebol profissional, a fotografia que abre a reportagem (Figura 3) é intrinsecamente relacionada com a manchete e com o teor da reportagem. Trata-se de um goleiro de futebol de várzea, em um campo de futebol improvisado, provavelmente próximo a um depósito de lixo, tamanha a quantidade de urubus que o sobrevoam. Embaixo do gol, onde o goleiro foi retratado, não há grama e sim muita água e lama, o que faz referência direta ao título da reportagem: “Desgraçado é o goleiro: até onde êle pisa não nasce grama”.

### **Seção *Vida Nacional***

Na seção seguinte, *Vida Nacional*, em reportagem de seis páginas, ilustrada por oito fotografias, a revista recupera a trajetória histórica e política de quatro mineiros de relevante expressão nacional: Francisco Campos, Gustavo Capanema, Milton Campos e Afonso Arinos. Com a manchete “Os quatro mineiros do apocalipse” e a abertura que antecipa que “Sempre que surge uma crise, êstes doutôres do regime entram em cena”, a revista inicia o texto dizendo:

Quatro homens serenos, todos mineiros, todos discretos e todos cultos aparecem quando as crises políticas brasileiras se agravam. Êles entram em

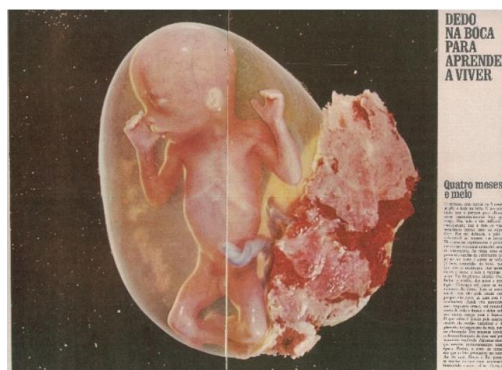
cena, tranqüilamente, falando macio, trazendo fórmulas jurídicas e constitucionais. Dão sempre um jeitinho na situação. A sombra do Apocalipse serve sempre de pano para a mesa em que manobram.

As fotografias que ilustram a reportagem são estilo “boneco” ou “3x4”, como são conhecidas na imprensa as fotografias que mostram apenas o rosto dos fotografados. Na abertura, a revista construiu uma espécie de mosaico, com os rostos dos quatro mineiros sujeitos da reportagem. Nas demais páginas, trabalhou isoladamente cada um deles, repetindo as fotografias usadas no mosaico, sendo duas um pouquinho mais abertas (Francisco Campos e Milton Campos) e duas (Gustavo Capanema e Afonso Arinos) exatamente iguais às do mosaico.

### **Seção *Ciência***

As 15 páginas dedicadas à seção *Ciência* são um show de fotografia para a época. O título da reportagem “Os dias da criação” e a linha fina “O homem antes de nascer. Esta é sua história, contada em fotografias pela primeira vez” são mais que suficientes para despertar a curiosidade dos leitores: espermatozoides, óvulos e fetos – em diversos estágios de desenvolvimento – seriam mostrados pela primeira vez na imprensa brasileira e mundial. O ensaio é assinado pelo fotógrafo sueco Lennart Nilsson, que dedicou sete anos de trabalho para obter esses resultados. A revista anuncia que o fotógrafo “usou uma objetiva especial, superangular, e um flash pequeniníssimo, montado na ponta de um histeroscópio, aparelho médico usado para o examinar o útero” para conseguir a fotografia de um feto e que abre a matéria, ocupando uma página e meia.

Figura 4 – Feto com quatro meses e meio de gestação



O texto é ilustrado por 16 fotografias. Dessas, sete ocupam uma página inteira ou uma página e meia, em falsos espelhos. O que mais impressiona em termos de inteligibilidade visual é a série que acompanha o desenvolvimento de um feto, com fotografias tomadas



aos 25 dias da fecundação, um mês, um mês e sete dias, um mês e meio, um mês e 18 dias, dois meses, dois meses e 21 dias, três meses, quatro meses e quatro meses e meio (Figura 4), esta última com o feto já totalmente formado e chupando o dedo, e a legenda “Dedo na boca para aprender a viver”. Esse conjunto de fotografias inéditas foi um marco na história da fotografia científica e, provavelmente, abriu o horizonte de milhares de leitores para algo até então visualmente desconhecido, o desenvolvimento de um bebê no útero da mãe, da concepção aos quatro meses e meio.

### Seção *Problema*

Na seção *Problema*, em nove páginas – ilustradas por nove fotografias –, a revista traz um panorama da educação de crianças em idade escolar no Brasil, entre 7 e 14 anos. E o retrato da situação mostra um país desfocado em termos de educação. Já na abertura do texto a revista expõe alguns números: “Somos 80 milhões e pelo menos 30 milhões não sabem ler. Nossas crianças em idade escolar são quase sete milhões. A metade está fora das escolas”.

Figura 5 – Crianças indo descalças para a escola (página 68)



As fotografias mostram crianças indo para a escola ou em sala de aula. Algumas mostram crianças em situação precária, indo para escola a pé e com os pés descalços (Figura 5). Outras fotografias mostram crianças em salas de aula precárias, com carteiras escolares inadequadas e, não raro, salas de aula recebendo alunos em diferentes estágios de educação (séries), todas atendidas por uma única professora. Algumas legendas ligam o sinal de alerta para os leitores: “Para centenas de milhares de crianças brasileiras, chegar à escola é uma aventura de todos os dias”, “De cada 100 alunos que entram no 1º ano primário, só cinco completam o curso”, Nas zonas rurais, na época das safras, a frequência

---

às aulas cai mais de 90%” e “A escola não atrai a criança. Improvisação, desconforto, currículo antiquado. Fim da aula é libertação”.

Além do texto e das fotografias alertando para o grave problema da (falta de) educação, a revista, pela primeira vez, utiliza gráficos para mostrar a taxa de escolarização no Brasil de 1964 a 1960, os resultados do censo escolar de 1964 e o total dos gastos do governo com a educação básica de 1960 a 1965. Fotograficamente, o que chama a atenção é o uníssono conseguido pelo conjunto das fotografias utilizadas na reportagem: ele mostra que a situação da educação básica (e de muitos educandos) é precária. Neste sentido, e reforçado pelas legendas, o conjunto fotográfico cria um sério efeito de denúncia e, com certeza, provocará reações na sociedade, sejam atitudes do poder público, sejam manifestações de indignação dos cidadãos.

### **Seção *Depoimento***

Na seção *Depoimento*, que ocupa sete páginas e é intitulada “As suecas amam por amor”, a revista reproduz uma entrevista que a jornalista italiana Oriana Fallaci fez com a atriz sueca Ingrid Thulin, ativista feminina pelo direito de as mulheres poderem ser pastoras e decidirem qual a melhor idade para ter filhos. Ela pregava que as mulheres adiassem a gravidez para próximo dos 40 anos para que tivessem tempo de consolidar uma carreira profissional antes da maternidade.

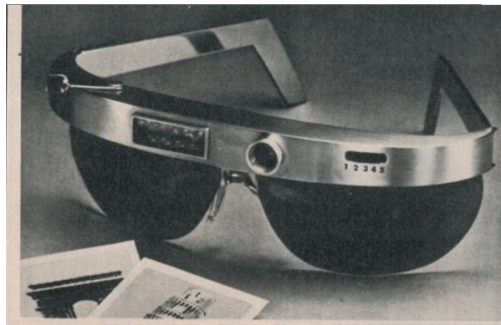
O texto é ilustrado por cinco fotografias, todas da atriz Ingrid Thulin. Três das cinco fotografias a trazem em plano fechado, estilo “boneco”, mostrando apenas seu rosto, inclusive a que ocupa inteiramente o falso espelho das páginas 80 e 81 e abre a matéria. As outras duas fotografias também retratam a atriz em plano fechado, mas desta feita com uso do conhecido plano americano, que corta o sujeito na altura da cintura.

O conjunto fotográfico é posado e referencial à atriz. As fotografias podem ter chamado a atenção dos leitores pela beleza atriz, mas sem conferir força, denúncia ou poder de decisão ao texto. Seriam o que chamamos de fotografias meramente ilustrativas, mas com poder de atração para a leitura em razão de sua beleza e plasticidade. E, neste caso, soma-se a eficiente programação visual da revista, que sangrou uma fotografia da atriz, chupando o dedo, na abertura da matéria, na qual sobrepôs o título “As suecas amam por amor”.

### **Seção *Progresso***

Impensáveis para a época, automóveis que andam sem motorista, TV de pulso, televisão com controle remoto, óculos fotográficos (Figura 6), tradutor eletrônico, anel gravador, roupas térmicas com temperaturas ajustáveis, aparelho de telefone com sistema de TV, cheques eletrônicos e outras “modernidades” do futuro são o mote da seção *Progresso*, na reportagem intitulada “Os artigos do dia do ano 2000”.

Figura 6 – Protótipo de óculos fotográficos (página 89)



Baseada nos progressos da ciência e em algumas invenções, a revista criou esta seção para especular como seria o mundo e a vida das pessoas no futuro. É a mais curta seção dessa edição, ocupando três páginas, ilustradas por sete fotografias. São fotografias de caráter publicitário, tomadas em plano fechado para evidenciar (ou valorizar) os “artigos do dia do ano 2000”. Todas as previsões ficcionais da época se tornaram realidade nos dias atuais. As fotografias que, com certeza, devem ter despertado desconfiança nos leitores em 1965, se transformaram em objetos banais, de uso cotidiano nos anos 2000.

### **Seção *Economia***

“O dinheiro entra em ação” é o título da reportagem produzida para a seção *Economia*. A reportagem, voltada principalmente para as bolsas de valores, ocupa sete páginas e é ilustrada por apenas três fotografias. Destaque para a fotografia de abertura (Figura 7), que ocupa todo o falso espelho das páginas 92 e 93, e é cortada na vertical para a inserção do título e pelo início do texto. A fotografia, tomada em plano aberto, mostra um dia de negociação em uma bolsa de valores (não há legenda para identificar de qual bolsa de valores se trata, nem crédito para o fotógrafo ou a agência), um ambiente com um grande balcão redondo, no qual há uma mesa ao centro e compradores e vendedores de ações atentos aos papéis para fecharem negócios. As outras duas fotografias, uma na horizontal e outra na vertical, ambas tomadas em plano médio, mostram pessoas gesticulando com as mãos, como se estivessem sinalizando interesse em algum negócio.

Figura 7 – Bolsa de Valores, fotografia que abre a seção *Economia* (páginas 92 e 93)



Também nesta seção, as fotografias são meramente ilustrativas, utilizadas para mostrar o ambiente de negócios de uma bolsa de valores e o modo como se fecham negócios (neste caso, com as duas fotografias de pessoas gesticulando). Contudo, é preciso lembrar que, em 1965, provavelmente poucas pessoas conheciam o que era e como funcionava uma bolsa de valores e, neste sentido, as fotografias, principalmente a utilizada na abertura, tinham o poder de criar um imaginário imagético nos leitores.

### **Seção *Aventura***

Nesta seção, de poucas páginas (seis), a revista fala sobre uma novidade que começava a se popularizar à época: o planador, “um objeto voador que permite aos homens voar como pássaros”. Seis fotografias ilustram o texto, duas coloridas e as outras quatro em preto e branco. Uma delas, colorida e mostrando um planador em voo, foi utilizada para abrir a reportagem e ocupa todo o falso espelho das páginas 104 e 105. A outra colorida, também mostrando um planador, desta feita no chão, ocupa a parte inferior das páginas 108 e 109. As quatro fotografias em preto e branco estão nas páginas 106 e 107 e mostram cenas da preparação de um planador para o voo no Centro Tecnológico de Aviação (CTA) de São José dos Campos, em São Paulo.

O texto recupera cronologicamente as inúmeras tentativas do homem de voar como um pássaro, desde a lenda de Ícaro, que tentou fugir do labirinto de Creta com asas de penas de pássaros. A página 110 traz 12 ilustrações com algumas dessas tentativas, começando com a de Leonardo da Vinci, em 1506, e encerrando com uma ação de 1945, que mostra um planador aterrissando em um campo de batalha, com a legenda: “Na 2ª Guerra todo mundo usou planador para levar tropas silenciosamente à retaguarda do inimigo”.

As ilustrações das tentativas do homem de voar como os pássaros têm mais força no processo comunicacional e na formação do imaginário coletivo que as fotografias.

Nesta seção, as fotografias são meramente ilustrativas e não contribuem decisivamente para a legibilidade do leitor sobre as dificuldades e o prazer de voar como o fazem as ilustrações.

### Seção *Arte*

“O que há com essa arte?” é o título da seção, que reproduz a clara indignação de visitantes a uma das maiores exposições de arte do país. A revista busca justificar o título já no início do texto: “Telefone, sapato velho, chupeta, soutien, pedaço de cadeira, transformados em elementos de pinturas, e Melle, um holandês que só pinta símbolos sexuais, são os temas de polêmica da oitava Bienal de São Paulo”.

A reportagem, de oito páginas, utiliza oito fotografias. Quatro mostram algumas das obras expostas, as outras quatro mostram pessoas paradas, com olhar ora confuso, ora incrédulo diante das obras de arte. Na abertura da reportagem, no falso espelho das páginas 112 e 113, a revista utilizou duas fotografias. A maior, utilizando uma página e meia, mostra um espiral, melhor dizendo, “a *Op Art* do canadense Claude Tousignant, ‘Azul mais verde igual amarelo’”, e a menor mostra uma jovem parada em frente à obra de arte (Figura 8), com olhar de quem está tentando entender o que ela representa ou quer comunicar.

Figura 8 – Mulher observando uma obra de arte na Bienal de São Paulo (página 112)



O texto questiona e critica a qualidade de boa parte do que está exposto na Bienal e, para consolidar o seu pensar, a revista utiliza fotografias de obras de artes confusas para a maiorias de seus leitores e reforça seu pensar com fotografias de pessoas com olhares questionadores diante das peças.

---

Nesta seção, sim, as fotografias têm uma força comunicacional muito grande. Elas são utilizadas como indutoras de sentido, contribuindo para que os leitores construam o mesmo significado crítico que a revista deu às artes da 8ª Bienal de São Paulo. A utilização do discurso fotográfico, aqui, é evidente.

### **Seção *Mulher***

A última seção da revista, *Mulher*, traz o perfil da atriz suíça Úrsula Andress, uma *sexy symbol* dos anos 1960, que rivalizava, em termos de beleza e rebeldia, com a modelo e atriz francesa Brigitte Bardot. A abertura da seção, no falso espelho das páginas 124 e 125, traz uma fotografia colorida do rosto da atriz, com os cabelos esvoaçantes, e apenas um misto de legenda e título ao pé das páginas: “Ela vive sem leis e dorme no sonho dos homens ÚRSULA”.

A reportagem ocupa seis páginas e utiliza cinco fotografias da atriz: a de plano fechado que abre a reportagem; a segunda, em plano fechado, retrata a atriz de corpo inteiro, encostada a uma árvore; a terceira, em plano médio, mostra a atriz em um barco, no meio de lagoa, interagindo com dois patos que nadam junto ao barco; a quarta fotografia, colorida, mostra, em plano fechado, com corte americano, a atriz de costas, virando o rosto como se fosse olhar para trás (pose clássica de fotografia de moda e beleza); e a última, em preto e branco, está fechada em seu rosto. Nesta fotografia, a atriz está bem vestida, bem maquiada e bem penteada, mas seu olhar é desafiador, provavelmente para conferir o tom de rebeldia e desobediência à ordem estabelecida que o texto lhe impingiu. A legenda confirma esse pressuposto: “Úrsula não pode obedecer às leis que governam o cinema: ela escolheu a liberdade”. Também nesta seção, a revista utilizou a fotografia para consolidar o discurso textual utilizado na abordagem da matéria.

### **Considerações finais**

Este estudo, visivelmente, não apresenta os pressupostos teóricos e metodológicos necessários para a elaboração de um artigo científico. Ele é o resultado – mais quantitativo que qualitativo – de uma leitura atenta, observações e percepções sobre o uso da fotografia no número zero da revista *Realidade*, datado de novembro de 1965.

A produção deste estudo é o primeiro resultado parcial de um projeto de pesquisa que estudará a fotografia e o fotojornalismo praticados pela *Realidade* em seus primeiros três anos de circulação, de abril de 1966 a março de 1969. Neste sentido, ele subsidiará estudos subsequentes, caracterizando-se apenas como ponto de partida para pesquisas

---

mais complexas, estas sim subsidiadas por referenciais teóricos e ancoradas por modelos metodológicos de análise. A revista *Realidade* foi, ao longo da história do jornalismo brasileiro, uma das que mais e melhor utilizou a fotografia como linguagem de comunicação, mas as referências bibliográficas publicadas sobre ela em formato de livro pouco ou nada falam de fotografia. É a lacuna que pretendemos preencher.

Em algumas seções (*Gente, Vida Nacional, Depoimento, Progresso, Economia, Aventura e Mulher*), a fotografia foi utilizada de forma meramente ilustrativa, para dar ao leitor referências imagéticas sobre o assunto tratado e criar atrativos de leitura. Em outras seções (*Internacional, Futebol, Ciência, Problema e Arte*), foi utilizada como linguagem comunicacional, não raro compondo com o texto o sentido que a revista criou sobre determinado assunto e, de forma nem sempre sutil, induzindo o leitor a construir o mesmo sentido que ela sobre o referido assunto.

Por enquanto, algumas percepções relativas a este estudo apontam que, no número zero, não há créditos para os fotógrafos, exceto para as fotografias científicas de Lennart Nilsson, cujo crédito consta no texto e não nas fotografias. O que se pôde comprovar com a leitura e a análise é que a revista *Realidade*, seja para ilustrar, seja para gerar discurso, utilizou um grande número de fotografias em todas as seções e, na maioria delas, valorizou seu uso, abrindo-as em página inteira e, não raro, em página e meia e até em duas páginas (falso espelho). Essas e outras percepções, variáveis e inquietações serão estudadas no citado projeto de pesquisa.